REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA MÍDIA

RBHM | ISSN 2238-5126

O pavor do desconhecido na Amazônia: os relatórios militares e os sobreviventes do fenômeno chupa-chupa

Phillippe Sendas de Paula FERNANDES[1]
Marialva Carlos BARBOSA[2]

Resumo:
Localizada no nordeste do Pará, a Ilha de Colares teve sua história marcada em 1977, quando moradores relatavam ataques de misteriosas luzes, o que lhes causavam paralisia, tontura e palidez. Acreditava-se que os corpos luminosos sugavam o sangue das vítimas e o fenômeno ficou conhecido como "chupa-chupa". Diante do pavor da população e dos registros de ocorrências em várias cidades, a Aeronáutica realizou a Operação Prato, uma missão militar para investigar o fenômeno. Com atenção às questões envolvendo memória e imaginário, este artigo desenvolve uma análise narrativa, atravessada por pesquisa documental e história oral, a partir de dois relatórios produzidos durante a operação, com destaque para os relatos dos moradores de Colares e para o papel da imprensa no fenômeno. Além disso, recorre-se aos testemunhos de dois sobreviventes, em entrevistas realizadas quatro décadas depois. Objetos inteligentemente dirigidos, monstro criado pela imprensa e a visita de extraterrestres são algumas das narrativas que despontam.

Palavras-chave: memória; imaginário; chupa-chupa; Operação Prato; Amazônia.

The dread of the unknown in the Amazon: military reports and survivors of the chupa-chupa phenomenon

Abstract:
Located in the northeast of Pará, Ilha de Colares had its history marked in 1977, when residents reported attacks of mysterious lights, which caused them paralysis, dizziness and pallor. It was believed that the luminous bodies sucked the blood of victims and the phenomenon became known as "chupa-chupa". Faced with the fear of the population and the records of occurrences in several cities, the Air Force carried out Operation Prato, a military mission to investigate the phenomenon. With attention to issues involving memory and the imaginary, this article develops a narrative analysis, crossed by documental research and oral history, from two reports produced during the operation, highlighting the reports of residents of Colares and the role of the press in the phenomenon. In addition, we used the testimonies of two survivors, in interviews carried out four decades later. Intelligently operated objects, a monster created by the press and the visit of extraterrestrials are some of the narratives that emerge.

Keywords: memory; imaginary; chupa-chupa; Prato Operation; Amazon.

---

[1] Doutorando em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq. *E-mail*: psendas7@gmail.com.

[2] Professora Titular da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense. *E-mail*: marialva153@gmail.com.

El pavor a lo desconocido en la Amazonía: informes militares y sobrevivientes del fenómeno chupa-chupa

Resumen:
Situada en el noreste de Pará, la Ilha de Colares tuvo su historia marcada en 1977, cuando los habitantes relataron ataques de luces misteriosas, que les provocaban parálisis, mareos y palidez. Se creía que los cuerpos luminosos chupaban la sangre de las víctimas y el fenómeno se conoció como "chupa-chupa". Ante el temor de la población y los registros de ocurrencias en varias ciudades, el Ejército del Aire realizó la Operación Prato, una misión militar para investigar el fenómeno. Con atención a las cuestiones que involucran la memoria y la imaginación, este artículo desarrolla un análisis narrativo, atravesado por la investigación documental y la historia oral, a partir de dos reportajes producidos durante el operativo, destacando los informes de los vecinos de Colares y el papel de la prensa en el fenómeno. Además, utilizamos los testimonios de dos sobrevivientes, en entrevistas realizadas cuatro décadas después. Objetos dirigidos inteligentemente, monstruos creados por la prensa y la visita de extraterrestres son algunas de las narrativas que emergen.

Palabras clave: memoria; imaginário; chupa-chupa; Operación Prato; Amazonas.

Introdução

Colares é um dos 144 municípios do Pará, estado da Amazônia brasileira. Há pouco mais de 11 mil habitantes vivendo na ilha, localizada na região do Salgado, a 100 quilômetros da capital, Belém (CENSO DEMOGRÁFICO 2010, 2011). A cidade tornou-se conhecida por ter sido, em 1977, durante a ditadura militar, o epicentro do fenômeno conhecido como "chupa-chupa". Na época, corpos luminosos eram vistos frequentemente no céu da cidade e moradores relatavam que foram atacados pela luz, sofrendo reações no corpo como queimaduras, paralisia, palidez e tontura. Por acreditarem que a luz podia sugar o sangue das pessoas, o fenômeno recebeu o nome pelo qual é referido até hoje.

Os primeiros casos do chupa-chupa foram registrados no Maranhão, mas o ápice se deu no Pará, entre os meses de julho e dezembro de 1977, gerando uma densa produção dos jornais paraenses sobre o tema (FERNANDES, 2017). Giese (1991) aponta que pelo menos 11 localidades, incluindo a capital, registraram casos das luzes misteriosas. Nenhuma delas com a dimensão que o fenômeno alcançou em Colares, levando a Força Aérea Brasileira (FAB) a realizar na região a chamada Operação Prato, missão militar voltada para a investigação dos objetos voadores não-identificados (OVNIs).

A missão durou cerca de quatro meses e por 35 dias os militares estiveram em Colares. A operação foi chefiada pelo coronel Uyrangê Nogueira de Hollanda Lima e se dividiu em duas equipes: a primeira, deslocada após o pedido das autoridades, era formada pelo coronel e mais cinco sargentos; a segunda equipe era formada por mais de 60 pessoas, incluindo oficiais da

FAB e psicólogos. A maior parte das atividades era realizada sob os olhares da população, de uma forma a demonstrar que a situação estaria controlada (ATHAYDE, 2000; SCHRAMM, 2011).

Com atenção às questões envolvendo memória e imaginário, este artigo faz uma análise de dois relatórios[3] produzidos durante a Operação Prato, referentes à atuação militar na Ilha de Colares, com destaque para os relatos dos moradores e para o papel da imprensa na repercussão do fenômeno. Além dos documentos oficiais produzidos no final da década de 1970, recorremos aos testemunhos dos sobreviventes do fenômeno, quatro décadas depois. Para isso, entrevistamos em novembro de 2016 duas pessoas que vivenciaram os episódios das luzes e que moravam no município. A opção metodológica adotada neste trabalho se baseia na análise da narrativa, atravessada por pesquisa documental e história oral.

As luzes, as vítimas e a segurança nacional

Às 22h, nas noites de 1977, o fornecimento de energia elétrica era suspenso em Colares. Eram velas, lamparinas e fogueiras que iluminavam o lugar, abrigo de uma população amedrontada e atenta aos movimentos do céu. Numa dessas noites, a lavradora Claudomira Rodrigues da Paixão, de 35 anos, foi tentar dormir com os filhos na casa de uma prima, onde também estavam outras famílias em vigília. Era terça-feira, 18 de outubro de 1977. Mirota, como era conhecida, se tornaria mais uma vítima do chupa-chupa[4]. No quarto onde dormia, cerca de uma hora depois da suspensão da energia, ela sentiu uma luminosidade percorrer seu corpo, como uma lanterna, se fixando em seu seio esquerdo, sugando-o. A luz então desceu para sua mão direita, momento em que teve a sensação de ser picada por uma agulha. A vítima relata que tentou gritar, mas teve seu corpo parcialmente paralisado, seguido de dores na cabeça, amortecimento do lado esquerdo do corpo e grande calor no seio (FERNANDES; BARBOSA,

---

[3] Cerca de 150 páginas dos relatórios estão disponíveis no *site* do Arquivo Nacional. Além disso, o editor da revista *UFO*, Ademar José Gevaerd, disponibilizou em 18 de junho de 2016, após solicitação por *e-mail*, um pacote desse material organizado de maneira sistematizada.

[4] O jornal *O Estado do Pará* (COLARES..., 2 nov. 1977, p. 12) noticiou que uma senhora chamada "Clodomira" foi atacada pela luz em Colares. Acreditamos que se trata da mesma pessoa.

RBHM | ISSN 2238-5126

2016, p. 49-50). O depoimento de Claudomira[5] foi registrado em um dos relatórios produzidos durante a Operação Prato[6].

Figura 1 - Depoimento de Claudomira da Paixão registrado em um dos relatórios da Operação Prato

ACE Nº 3252/83

(Continuação do Relatório de Missão – OPERAÇÃO PRATO – realizada na Cidade de COLARES/PA – fls. 4)

Os componentes da Equipe(2S ALMEIDA e 3S PINTO) que prestavam apoio (balisamento) ao pouso e decolagem do HELICÓPTERO, da posição em que estavam, observaram a "Luz", bem como os tripulantes – T Cel GONÇALVES, Ten KUSTER, Sgts ROBERTO e DOURADO.

Logo em seguida fomos procurados por um morador (Boca da Estrada da Laura) Sr. ANTONIO ACÁCIO OLIVEIRA, que informou ter observado a "Luz" em sua trajetória (vide depoimento).

– WELLAIDE CECIM, idade 24 anos, médica (clínica geral), residente na Unidade de Saúde local (COLARES) e em Belém na Av Pedro Miranda nº 1786 – fone 226-4297.

Entrevistada por elementos da Equipe, entre outras afirmativas disse que para preservar a sua reputação ética profissional, deixou de fazer uma comunicação mais completa com referência a quatro casos que atendeu em seu local de trabalho; afirmou que além de crise nervosa, seus pacientes apresentavam outros sintomas tais como: Paresia (amortecimento parcial do corpo), frizando a diferença aos sintomas apresentados por crises nervosas, que se localizavam nas extremidades; cefaléa, astenia, tonturas, tremor generalizado e o que reputa mais importante, todos apresentavam queimaduras de 1º grau, bem como marcas de pequenas perfurações; de acordo com o sexo, os homens na região do pescoço, mais precisamente sobre a jugular e as mulheres, no seio (só um caso).

Tem em seu poder e chegou a ler para a Equipe uma comunicação que iria emcaminhar ao Sr Secretário de Saúde do Estado, não o fazendo para evitar cair em ridículo (vide gravação).

A Dra.WELLAIDE afirmou ter visto no dia 16.10.77 e 22.10.77 às 18:30 e 19:30 horas respectivamente, um objeto metálico luminoso, tamanho 3x3 aproximadamente, que fazia evoluções em alta velocidade sobre a parte frontal da Cidade. Descreve este objeto como tendo a forma cilíndrica, quase cônica, pois que tem uma parte mais estreita. Disse ter visto nitidamente, em companhia de outras pessoas que se faziam presentes no local (Unidade Hospitalar). Descreveu as evoluções de uma maneira quase "cômica"; o objeto se movimentava com balanceios laterais acentuados e não girando sobre si mesmo, entretanto vez ou outra como que parava e dava uma pequena volta (vide gravação).

Externou pedindo reserva sobre sua opinião pessoal, de que acredita nos fatos que vem ocorrendo na localidade; não põe em dúvida prováveis consequências que venham a se fazer presentes nas pessoas afetadas. Complementando disse não ter observado fatores que a levasse a concluir a presença de alterações anêmicas; não acredita que as vítimas tivessem sido sugadas, mas que quanto ao terem sido atingidas por um raio ou foco de luz de característica desconhecida, acredita na possibilidade, pelo exame que procedeu nos pacientes que atendeu.

7

– CLAUDOMIRA RODRIGUES DA PAIXÃO, idade 35 anos, alfabetizada.

DATA E HORA DA OCORRÊNCIA: 18 Out 77, às 23:00 horas.

Ouvida pelo Chefe da 2a. Seção, passou a referir-se a experiência por que passou.

Disse que estava acordada, deitada em uma rede e em sua companhia estava uma outra senhora e seus filhos; que pressentiu uma luminosidade que percorreu todo o seu corpo fixando-se em seu seio esquerdo sugando-o, descendo após para sua mão direita quando sentiu uma dor (como se fosse uma picada de agulha); foi então que conseguiu gritar por socorro. Anteriormente fez várias tentativas de gritar, porém, sentiu a voz presa e ficou toda paralizada. Disse

–continua–

ACE Nº 3252/83

(Continuação do Relatório de Missão – OPERAÇÃO PRATO – realizada em em COLARES/PA). – fls. 5)

Disse que foi um foco de luz verde que iluminou todo o ambiente; que pressentiu um estranho torpor sendo como que despertada pela voz de sua acompanhante, que chamava atenção de uma criança que havia urinado na rede, tendo dito na ocasião: eu é que já estou estragada (SIC). Arguida disse que o "bicho" já lhe havia chupado o sangue; que sentiu grande calor localizado no seio direito e uma dor aguda no dorso da mão direita, dor de cabeça, amortecimento do lado esquerdo do torax, como se houvesse uma compressão interna;foi atendida pela Dra. WELLAIDE CECIM, médica local, a qual não lhe ministrou medicamento algum, preferindo encaminhá-la ao IML, onde foi examinada, tendosido informada que deveria voltar para novos exames.

Por sobre a incisão feita durante o exame no IML, nota-se uma área queimada levemente no seio esquerdo, bem como um sinal quase imperceptível em sua mão direita.

– RAIMUNDO GALVÃO TRINDADE

DATA E HORA DA OCORRÊNCIA: 15 Out 77, às 04:00 horas.

Entrevistado pela Equipe, fez o seguinte relato:

Dormia na residência do Sr EDUARDO, num dos quartos de cima, às 04:00 horas aproximadamente despertou com o ambiente iluminado fortemente por uma luz esverdeada, sentiu como que uma picada na parte interna da coxa direita; disse ter observado para o exterior da residência e não notou nada de anormal. Assegurou não ter sido a luz do luar que lhe dera tal impressão.

Pela manhã ao levantar sentiu-se enfraquecido, um adormecimento na coxa direita, cefaléa frontal e tontura, bem como sua coxa apresentava uma mancha arrocheada e quente. Não deu maior atenção ao que sentia por discordar e até fazer "chacota" com as pessoas que se dizem "chupadas" pelo aparelho. Não procurou médico nem deu publicidade ao fato, muito embora um amigo seu que trabalha no jornal "O LIBERAL" tivesse com ele insistido por uma reportagem.

Disse que a partir de então passou a acreditar e observar melhor, já tendo tido oportunidade de ver o "aparelho".

Mostrou à Equipe o local atingido, que assim se descreve:

Área ovalada de aproximadamente 20x12 cm na parte mais escura da coxa (parda ou canela); área circundante de 2,5cm de borda de cor acentuadamente mais clara;na parte externa nota-se o tecido epitelial em descamação acentuada (aspecto de queimadura).

– ANTONINO DE SOUZA, Sargento Reformado da PM/PA, residente em COLARES.

DATA E HORA DA OCORRÊNCIA: 23 Out 77, às 03:00 horas

Disse que não acreditava no que o povo dizia; ao sair para o quintal notou uma luminosidade azulada em seu quarto, verificando externamente notou uma estrela bastante luminosa, a lua estava em outra posição; comentou com sua esposa: não pode ser a lua (SIC). Voltou para o interior da casa e sentiu que não estava em si, como se tivesse recebido um "vento de ar"; ao chegar na cama, deitou e puxou a colcha para cobrir-se; foi então que sua esposa assustada informou: olha a luz!.Ele ouviu-a falar, mais não deu acordo mais de si. Pareceu que um raio lhe pegara. Sentiu-se paralizado total-

–continua–

Fonte: Relatório de Missão – Operação Prato (1977, p. 23, grifo nosso).

Le Goff (2012, p. 519-20) afirma que o documento "é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder". A partir da análise do documento como monumento é que se dá à memória coletiva, aqui pensada a partir de Halbwachs (2003), a possibilidade de recuperá-lo, acrescenta Le Goff. Os documentos da operação que investigou o fenômeno chupa-chupa foram produzidos pela Força Aérea Brasileira (FAB), mantendo-os em sigilo por anos. Com o fim da ditadura, ufólogos realizaram uma campanha para a liberação de informações sobre as ações militares que investigaram

[5] No final da década de 1980, Claudomira relatou sua experiência ao jornalista Daniel Giese (1991, p. 85).

[6] Foi com essa história, ouvida ainda na infância, que o autor principal deste artigo conheceu os relatos sobre o fenômeno chupa-chupa: Claudomira, falecida em meados da década de 1990, era irmã da avó materna do autor.

objetos voadores não identificados (OVNIs) no Brasil. Em 2007, a Aeronáutica entregou ao Arquivo Nacional aproximadamente sete mil páginas de documentos; destes, 150 se referem à Operação Prato. Os relatórios confirmavam a intervenção de militares no interior do Pará no final da década de 1970 para investigar os corpos luminosos.

Em pequena nota, o jornal *A Província do Pará* traz as considerações sobre a atuação do Comando Aéreo Regional nas localidades onde se registravam os relatos das vítimas do chupa-chupa. No canto da página, o texto destaca o posicionamento do tenente-coronel Camilo, oficial assistente nas investigações:

> Os moradores confundiram os satélites artificiais existentes na região e os meteoritos que riscam os céus, com naves extraterrenas.
> As reações orgânicas que sofrem as pessoas que travam conhecimentos com os seres ditos interplanetários, – comentou – são provenientes de uma reação de temor. Tudo tem por causa os vários comentários prematuros sobre o problema. As pessoas que falam desconhecem qualquer senso de lógica (1º COMAR..., 5 nov. 1977, p. 11).

Relacionar os avistamentos a uma confusão entre satélites e meteoritos encerraria um debate que fervilhava na imprensa. A ideia que as testemunhas e vítimas não possuíam qualquer senso de lógica não impediu que o Ministério da Aeronáutica, por meio da FAB, tivesse concluído uma missão no Pará, iniciada antes da publicação da nota no jornal. Os relatórios registravam, desde outubro de 1977, depoimentos de avistamentos de corpos luminosos pelos céus de cidades do interior paraense, especialmente Colares, Santo Antônio do Tauá e Santo Antônio de Umbituba. Esses documentos têm como base os relatos de moradores e as observações da equipe militar na região.

Como aponta Ricoeur (2007), o início de tudo não está nos arquivos, mas nos testemunhos que asseguram que algo aconteceu e que alguém atesta ter assistido. Foram muitos os que presenciaram as evoluções do chupa-chupa no Pará, segundo os documentos. Nome, idade, escolaridade, data e hora da ocorrência são categorias que as páginas então confidenciais traziam, além de uma síntese do episódio vivenciado por essas pessoas. No Quadro 1, consideram-se apenas os relatos dos moradores de Colares, excluindo as testemunhas das outras localidades. Das 20 pessoas mencionadas, sete foram atingidas diretamente pelo foco.

Quadro 1 - Testemunhas de Colares, registradas no Relatório de Missão da Operação Prato

Testemunha / Vítima	Idade (anos)	Escolaridade	Data / Hora da ocorrência	Descrição	Reações no corpo
Alfredo De La Ó	48	Instrução superior (padre)	13 out. 77 / 3h25	Objeto em velocidade emitindo forte luz pela parte superior e inferior, próximo a Capela da cidade	-
Amin Benjamin	56	Instrução primária	07 nov. 77 / 5h20	Objeto luminoso de cor azul clara deslocando-se a baixa altura	-
Antonino de Souza	51	Sargento Reformado da PM / PA	24 out. 1977 / 3h	Luminosidade azulada em seu quarto	Paralisia total do corpo momentaneament e
			26 out. 77 / 1h30	Objeto luminoso próximo à Unidade Hospitalar da cidade	-
			06 nov. 77 / 19h	Objeto voador iluminado, cor cinza neve e formato circular, com uma cúpula em cima	-
Antônio Acácio de Oliveira	53	Alfabetizado	19 out. 77 / 19h30	Objeto voador emitindo velozmente três focos	-
			01 nov. 77 / 19h	Deslocamento imediato de luz de forte intensidade	-
Claudiomira Rodrigues Paixão	35	Alfabetizada	18 out. 77 / 23h	Foco de luz verde que iluminou todo ambiente onde estava	Torpor, calor localizado no seio esquerdo, dor aguda no dorso da mão direita, dor de cabeça, amortecimento do lado esquerdo do tórax
Domingas Maria dos Santos	22	Instrução primária	23 out. 77 / 1h	Confirmou o depoimento do pai	-
Elias Oliveira	42	Instrução primária	01 nov. 77 / 1h-1h30 (calculada)	Corpo luminoso circulando em velocidade média, envolto de luz azul	-
			04 nov. 77 / 22h (calculada)	Objeto luminoso circulando próximo à praia	-
Emídio Campos de Oliveira	50	Instrução primária	23 out. 77 / 2h	-	Moleza, mancha arroxeada na face interna da coxa direita
Ivan de Oliveira	36	Alfabetizado	03 nov. 77 / 1h30	Luz azul muito intensa parada sobre a água onde ia pescar	-

José Jorge dos Santos	48	Instrução primária	23 out. 77 / 1h	Foco de luz penetrando o telhado	Intenso calor e amortecimento na região direita do pescoço, torpor, dor de cabeça e sonolência
José Zilton Oliveira	26	Instrução primária	21 out. 77 / 1h	Objeto cor cinza de forma cônica e tubular plástico, à deriva em canal	-
Marcelino Ferreira Cardoso	46	Alfabetizado	05 nov. 77 / 23h (estimada)	Objeto luminoso semelhante a um balão de cor amarelo-avermelhada	-
			05 nov. 77 / 1h (estimada)	Objeto luminoso cor amarelo-avermelhada sem brilho e sem ruído	-
			05 nov. 77 / 3h (estimada)	Corpo luminoso deslocando-se sobre a água	-
Maria Beatriz Leal Ferreira	42	Alfabetizada	27 out. 77 / 0h35	Forte luminosidade na casa	Crise nervosa
Neuza Pereira Aragão	25	Instrução primária	26 out. 77 / 22h15	Forte luminosidade próxima à cozinha	Crise nervosa
Orlando Fontenelle Trindade	40	Instrução primária	26 out. 77 / 4h	Luz cor azul muito intensa e brilho espelhante	-
			01 nov. 77 / 0h30	Objeto luminoso cor amarelo-avermelhada se deslocando em velocidade média	-
Raimundo Galvão Trindade	36	Instrução primária	15 out. 77 / 4h	Luz esverdeada que iluminou todo ambiente onde estava	Fraqueza, dormência na coxa direita e mancha arroxeada e quente, cefaleia frontal e tontura
Roberto dos Anjos Silva	32	Alfabetizado	01 nov. 77 / 5h30	Objeto luminoso cor amarelo-avermelhada circulando com baixa velocidade	-
			06 nov. 77 / 5h08	Corpo luminoso cor amarela e forte intensidade, emitindo luzes azuladas	-
Rósio de Oliveira	36	Instrução primária	04 nov. 77 / 4h30	Corpo luminoso cor amarela deslocando-se a baixa altura e sem emitir ruído	-
			04 nov. 77 / 23h	Objeto luminoso deslocando-se a média altura	-
			04 nov. 77 / 0h (estimada)	Objeto luminoso em grande velocidade que despareceu imediatamente	-
			05 nov. 77 / 1h (estimada)	Objeto luminoso de cor azulada muito intensa	-

			05 nov. 77 / 3h	Corpo luminoso deslocando-se em alta velocidade próximo ao farol da cidade	-
			05 nov. 77 / 4h	Corpo luminoso de coloração que modificava constantemente até desaparecer	-
Selma Maria dos Santos	21	Instrução primária	23 out. 77 / 1h	Confirmou o depoimento do pai	-
Wellaide Cecim Carvalho	24	Instrução superior (médica)	16 out. 77 / 18h30 22 out. 77 / 19h30	Objeto metálico luminoso que fazia evoluções em alta velocidade	-

Fonte: Relatório de Missão – Operação Prato (1977, p. 20-8).

Os sintomas mais comuns relatados pelas vítimas do foco eram tonturas, amortecimento de membros atingidos pela luz e crise nervosa. Deve-se ressaltar a quantidade de pessoas que tiveram seus depoimentos registrados, referindo-se aos avistamentos de corpos luminosos de variadas cores, que lançavam feixes de luz e circulavam velozmente em diferentes pontos do município. Nos relatórios, o destaque era dado às pessoas com maior grau de instrução, como a médica responsável pela Unidade Municipal de Saúde, Wellaide Cecim Carvalho. Ela e o padre Alfredo De La Ó são as únicas testemunhas com escolaridade de nível superior mencionadas no documento. Ambos confirmaram terem presenciado corpos luminosos estranhos circularem em Colares, mas a médica é mais detalhista ao descrever o comportamento das vítimas, desacreditando que elas tenham sido sugadas, mas acompanhando-as na versão de que foram atingidas por um raio luminoso. Além dos relatos em que as testemunhas contaram suas experiências com o foco luminoso, seguem outros depoimentos reunidos no grupo "relatos de populares", mas sem especificar quem testemunhou ou o que sofreu. Em geral, tratam-se de avistamentos registrados entre 27 de outubro e 8 de novembro de 1977 nas cidades do interior do Pará (RELATÓRIO DE MISSÃO..., 1977, p. 15-21).

Uma missão inconclusiva de grandes limitações e fortes evidências

Com a assinatura do sargento João Flávio de Freitas Costa, os comentários datados de novembro de 1977, que integram a parte final dos relatórios, sintetizam os resultados da missão. Depois de ouvirem testemunhas e vítimas atingidas pela luz, o documento alerta para a ausência de uma conclusão satisfatória sobre o caso, sobrando dúvidas e carências de explicação

(RELATÓRIO DE MISSÃO..., 1977, p. 34-5). O trabalho da imprensa também era criticado nos relatórios: a "influência negativa" marcava a sua atuação capaz de incutir o pânico. O próprio nome "chupa-chupa" era considerado uma criação da imprensa, em um ato de "irresponsabilidade e desrespeito ao público". Ainda assim, as reportagens sobre o fenômeno publicadas pelos jornais faziam parte do dossiê sobre o caso.

Figura 2 - Nos relatórios havia uma parte dedicada ao noticiário da imprensa. *O Estado do Pará*, de 25 jun. 1978, foi reproduzido

RELATÓRIO OVNI
IMPRENSA LOCAL
JORNAL – O ESTADO DO PARÁ
DATA – 25 Jun 1978

CONFIDENCIAL

ANEXO 2 – Fls 13

O ESTADO DO PARÁ

EIS O "CHUPA-CHUPA"

Ribamar: O que eu vi é incrível

Amanhã: A rota dos discos-voadores no Pará

RELATÓRIO OVNI
IMPRENSA LOCAL
JORNAL – O ESTADO DO PARÁ
DATA – 25 Jun 1978

CONFIDENCIAL

ANEXO 2 – Fls 14

O ESTADO DO PARÁ

Em agosto, gasolina vai custar Cr$ 8,10

A Seleção diz adeus. Errou, não perdeu.

DISCOS-VOADORES EM BELÉM

EXCLUSIVO

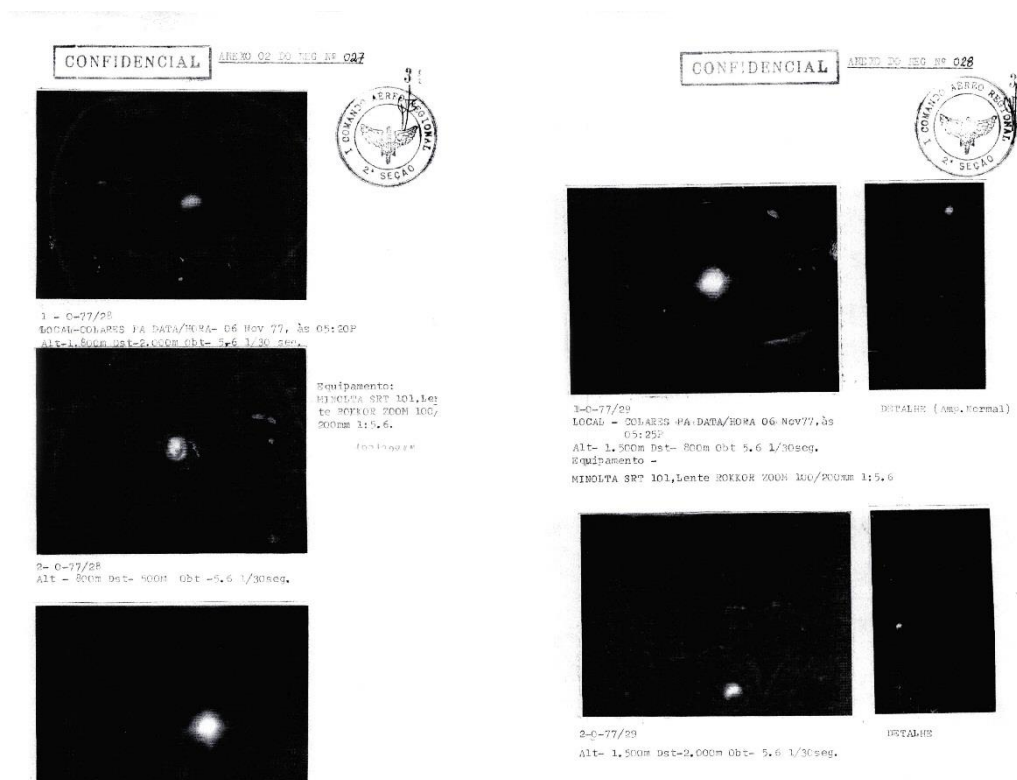
NESTA EDIÇÃO

Fonte: Registros de observações de OVNI (1978, p. 153).

Nas últimas considerações sobre a operação, ressaltam-se os baixos índices cultural, socioeconômico e sanitário em que viviam as vítimas do chupa-chupa. Seriam pessoas de formação simples e "facilmente influenciados pelos meios de comunicação, nem sempre usados por pessoas escrupulosas", afirmavam os militares. O desespero levava as pessoas a cometerem excessos, como a queima de fogos e o alto consumo de bebida alcóolica, apontava os documentos. A "histeria" que vivia Colares fazia os investigadores temerem que a população

pudesse sofrer uma onda de suicídio, principalmente entre os "mais fracos de espírito" (RELATÓRIO DE MISSÃO..., 1977, p. 36-7).

Para acalmar a população eram necessárias algumas medidas, como a proibição da venda de fogos e bebidas alcóolicas, além de desenvolver logística para melhorar a vigilância realizada pelos moradores. Quando o relatório descreve a "situação atual" de Colares, com data específica em 9 de novembro de 1977, o destaque é dado às pessoas que teriam aprendido a conviver com o problema. Palestras e filmes exibidos pelos militares na cidade são apontados como ações que surtiram efeito. Os focos continuavam aparecendo, muitas vezes em horário definido, o que já não assustava tanto. O chupa-chupa virara rotina, registram os documentos.

Figura 3 - Registro fotográfico de corpos luminosos circulando em Colares, em 6 de novembro de 1977

Fonte: Registros de observações de OVNI (1978, p. 34-5).

Apesar das evidências relatadas pelos investigadores, a ideia de que o chupa-chupa, sugador de sangue, era um "monstro criado pela imprensa" ainda persistia. No entanto, os objetos luminosos, fotografados pela própria equipe e descritos por várias testemunhas foram considerados pelos militares como corpos luminosos "inteligentemente dirigidos".

> Nossa certeza está apoiada em nossas observações pessoais e no relato confiável de pessoas a quem por suas ações e comportamentos (analisados), podemos confiar. Nossos registros cine-fotográficos não retratam nossa certeza, pois muito carentes de recursos técnicos, materiais e pessoal (só no final do período, usamos um tipo de filme ALTA SENSIBILIDADE), deixou a desejar. [...] (RELATÓRIO DE MISSÃO..., 1977, p. 37-8, grifos dos autores).

O posicionamento dos militares era divulgado pela imprensa de maneira muito discreta e com pouca relevância frente às outras notícias sobre o fenômeno. Os relatórios, à época, corriam de maneira sigilosa e, somente anos depois, vieram à tona – em partes e extraoficialmente, em sua maioria. Objetos inteligentemente dirigidos frequentemente foram cogitados e relatados pelos entrevistados dos jornais (FERNANDES, 2017), mas a Aeronáutica desacreditava as versões ao reforçar que aquilo não passava de interpretações equivocadas de pessoas com baixa intelectualidade. Parte dos documentos que os ufólogos anseiam para que sejam liberados em sua totalidade revela que, naquele período, os céus da Amazônia geraram grande preocupação. Passados mais de 40 anos, as noites na região teriam alcançado a tranquilidade?

A persistência das luzes, as memórias que resistem e os imaginários que despontam

Ouvir as pessoas que viveram o fenômeno é nosso objetivo agora, já que, nas palavras de Ribeiro (2015, p. 75), "os depoimentos ajudam a recuperar informações sobre fatos e processos que só podem ser conhecidos pela narrativa daqueles que os viveram diretamente ou daqueles que os presenciaram de alguma maneira". Não assumimos apenas o papel de recolhedores de *performances* verbais; afinal, como orienta Portelli (2010), buscamos provocá-las também, contribuindo assim para a criação de memórias, sobre as quais identificamos os imaginários que despontam em torno desse episódio.

Considerando a definição de imaginário desenvolvida por Durand (1997, p. 18), ou seja, "o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*", esbarra-se em um conceito bastante denso, com diversas interpretações. Nesse caso, acompanhamos a tentativa de Wunenburger (2007, p. 11) de delimitar o que seria o imaginário, como um "conjunto de produções, mentais ou materializadas em obras, com base em imagens

visuais [...] e linguísticas [...], formando conjuntos coerentes e dinâmicos, referentes a uma função simbólica no sentido de um ajuste de sentidos próprios e figurados".

A proposta é mergulhar nessa função simbólica construída em torno do fenômeno chupa-chupa, a partir das memórias dos sobreviventes, identificando os imaginários que atravessam essas lembranças. Para isso, duas pessoas foram entrevistadas: Newton de Oliveira Cardoso e Terezinha Auxiliadora Monteiro.[7] Apesar de os dois não constarem nos relatórios aqui analisados, ambos vivem em Colares e têm pelo menos um episódio de avistamento ou contato com as luzes. Nesse cenário de pavor do desconhecido, despontaram justificativas baseadas em alucinações e neurose coletiva, versões criticadas por nossos entrevistados. Seguimos o impulso de reviver o passado por meio da experiência de nossos interlocutores (ALBERTI, 2004), experiência que parece contínua, afinal, há quem diga que os focos luminosos nunca abandonaram a ilha.

Newton Cardoso: a célebre vítima e o protagonismo na preservação da história

Não há um museu sobre o chupa-chupa em Colares. Por iniciativa própria, alguns estabelecimentos comerciais da cidade se apropriaram da temática ufológica, decorando as fachadas com humanoides verdes de olhos cerrados. E a pessoa mais dedicada a essa missão certamente é Newton de Oliveira Cardoso. Os visitantes que chegam a Colares buscando informações sobre o fenômeno são orientados a encontrar o Tenente, uma das pessoas atacadas pelas luzes. "Pescador aposentado, Newton – o Tenente – construiu seu próprio museu abrigando jornais, revistas, pinturas e esculturas. Das mãos daquele homem de mais de 60 anos saem também pequenos chaveiros de extraterrestres. Em meio a risadas, brinca com a própria fama: "Acho que sou mais procurado do que o prefeito" (CARDOSO, 2016, informação verbal). E vai além: promete uma estátua para que os visitantes se lembrem dele, mesmo depois de morto.

No final dos anos 1970, o jovem Newton já se dedicava há alguns anos à pesca. Com apenas 18 anos, chegando de mais um dia de trabalho, decidiu encontrar a esposa em Mocajatuba, uma cidade do interior de Colares. O fornecimento de energia logo seria suspenso

[7] A decisão de divulgar os nomes foi tomada em acordo com os participantes da pesquisa, que se tornaram reconhecidas testemunhas desse fenômeno, não fazendo sentido mantê-los em anonimato.

e a caminhada seria longa, tendo um rio pelo meio. Chegando ao seu destino, logo após jantar, o pescador deitou na rede, cobriu-se e dormiu. Despertou de repente, depois de sentir um "negócio" esquentando o corpo, como se tivesse esbarrado em alguma luz, seguido de três fortes sugadas. Inquieto, Newton não conseguia gritar, mas a esposa percebeu algo estranho e pediu ajuda. Minutos depois, Tenente voltou a si, percebeu a movimentação em casa e questionou o que tinha ocorrido. "O chupa-chupa te chupou", disse-lhe a mulher.[8] Num estado de desânimo e sem conseguir levantar, o pescador pediu ajuda para sair de casa. No outro dia, visitaria a unidade de saúde da cidade e descobriria que, só naquela noite, o foco havia feito mais três vítimas em diferentes pontos do município.

> O povo aqui andava muito revoltado com esse negócio aí. A gente não dormia. Eram cinco, seis famílias numa casa pra dormir de noite, sabe? Cachaça no comércio não tinha mais. Comida tava até faltando naquele tempo. Pessoal vinha pra cá, esperar aqui de noite, todo mundo de espingarda pra atirar naquele negócio. Quando que ia pegar? Aquilo não fazia nem barulho! Quando dava, aquilo já tava atacando os outros aí. Olha, hoje em dia, eu vou te falar um negócio: nunca, nunca quero que um negócio daquele apareça, bicho! Não quero não... pra ninguém (CARDOSO, 2016, informação verbal).

Vampiro interplanetário, foco luminoso e luz-vampiro são alguns dos nomes registrados nas páginas da imprensa e relatórios, tentando definir o fenômeno. Tenente não usa nenhum deles. Para ele, tudo se resume à abstração de palavras como "negócio" e "aquilo". No entanto, os efeitos gerados por esse contato prejudicaram por muito tempo a sua saúde, sobretudo a locomoção, avalia. De um jeito acanhado, quase num sussurro, confessa que pouco tempo após o ataque passou a dormir sob um balcão, em casa.

Seguindo a ideia de Iser (2013, p. 266), em que a necessidade de tornar representável o que não é perceptível só é possível quando a consciência recorre à memória, ao conhecimento e à informação, possibilitando a formação de "imagens", percebemos que 40 anos depois dos primeiros registros de ataques do foco luminoso, a construção dos imaginários em torno do fenômeno agrega, além das próprias memórias dos sobreviventes, referências produzidas pela mídia, principalmente a televisão e o cinema. Cabe mencionar o que Thompson (2011, p. 61)

---

[8] Entre as entrevistas concedidas por Newton Cardoso, destacamos a conversa com o jornalista Daniel Giese. A versão não se distancia da sustentada até a data de nossa entrevista. Ver Giese (1991).

chama de “mundanidade mediada”, ou seja, a compreensão do mundo modelada pela mediação de formas simbólicas, com destaque aos produtos midiáticos.

Figura 4 - O pescador aposentado Newton Cardoso exibe seu acervo de revistas e recortes de jornais sobre o fenômeno chupa-chupa

Fonte: Acervo do autor.

Quem nunca visitou Colares ou apenas ouviu falar do chupa-chupa em programas de televisão e documentários constrói suas referências a partir desses produtos. É interessante notar que as próprias pessoas que estiveram na cidade em 1977 se reconhecem nessas produções, referendando a ficção como algo próximo do que ocorreu. Cardoso (2016, informação verbal) assim o fez quando perguntamos sua opinião sobre as pessoas que dizem que chupa-chupa e lendas são a mesma coisa: “Não. Não é não. É porque eles ainda não viram. Se eu tivesse gravado hoje em dia, eu ia botar na televisão pra ti ver como era. Só do ‘coisa’ tu ia ficar com medo... como eles vêm.” Tenente se referia ao programa *Linha Direta Mistério* (2005),[9] da TV Globo, e ao documentário *Chupa-Chupa*: *a história que veio do céu* (2007),[10] da TV Cultura

[9] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gUrxu2p8evM Acesso em: 28 jan. 2022.
[10] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RFRAiBo06iI Acesso em: 28 jan. 2022.

do Pará e da Fundação Padre Anchieta. Em ambos, há simulações de como as luzes atacavam as pessoas em Colares, assim como entrevistas com Newton Cardoso e outros moradores.

Por ser uma das principais vítimas, Newton Cardoso é bastante cobrado na versão que sustenta porque enfatiza que não viu nenhum objeto voador ou extraterrestre. Reforça, sim, as reações no corpo a partir do momento em que sentiu as sugadas e o ardor, mas lembra que, por estar embrulhado e dormindo, não viu nada. O coronel Hollanda, responsável pela operação, também o abordou tendo em mãos alguns desenhos de extraterrestres e fez a pergunta: "Tenente, quais são dessas caricaturas aqui que veio te atingir?" A lembrança da resposta dada ao militar é precedida de uma risada: "Eu não tava dormindo? Como é que ele me faz essa pergunta, né?" (CARDOSO, 2016, informação verbal).

A volta da normalidade aos céus de Colares tranquilizou a população e fez com que as pessoas retomassem suas vidas, principalmente o trabalho que havia sido abandonado. O auge do fenômeno pode ser pontuado nos últimos meses de 1977, mas ainda em 1978 e 1979 registraram-se alguns avistamentos. Com o passar dos anos, o bloqueio criado pelos moradores, consequência do terror provocado por esse episódio, foi se diluindo até chegar ao ponto que se identifica hoje: a cidade faz questão, ainda que com certas limitações, de se colocar como a cidade do chupa-chupa. Essa apropriação faz Tenente até louvar o episódio que por muito tempo lhe traumatizou: "Foi até bom acontecer esse negócio porque aqui em Colares tá vindo muita gente de fora. Colares tá famosa!" (CARDOSO, 2016, informação verbal). Apesar de declarar o temor que esses ataques luminosos voltem, Tenente é enfático ao dizer que as luzes nunca abandonaram a ilha, aparecendo principalmente para pescadores durante as noites de verão. Sem atacar ninguém, brinca aliviado.

Terezinha Monteiro: do medonho chupa-chupa ao temor dos dias atuais

Loureiro (2000, p. 66) fala sobre a importância do imaginário no sistema de produção cultural amazônico, assumindo o imaginário um papel dominante. Nas histórias de lendas, visagens e assombrações da região, percebe-se o protagonismo desse imaginário, enriquecendo um patrimônio simbólico preservado, principalmente, pela tradição oral do seu povo. Com isso, é possível conhecer justificativas para os mistérios da natureza e do mundo, a partir de um olhar

que compartilha referências únicas. Falar sobre o fenômeno chupa-chupa também produz seus imaginários, garantindo uma história ainda mais singular.

Figura das mais respeitadas na cidade, a professora aposentada Terezinha Auxiliadora Monteiro, de 82 anos, formou gerações. Professora Terezinha, como é conhecida, embarca na missão de contar os detalhes do que viveu durante as aparições das luzes com muita tranquilidade. O caminho percorrido pela conversa torna-se, em síntese, uma declaração de amor ao lugar onde nasceu. "Terra de amor e de paz / Colares, a bela morena / Como outra não há igual" são os versos recitados por ela com os olhos marejados (MONTEIRO, 2016, informação verbal). Com décadas dedicadas ao ensino, a professora faz, entusiasmada, um passeio pela história do município. Destaca o progresso, de um tempo mais recente, que chegou, trazendo coisas relevantes, como as alternativas de transporte que antes dependia unicamente dos rios, mas também se entristece ao falar do fim daqueles dias em que se podia dormir com as portas da casa abertas: "A culpa da violência é o desenvolvimento" (MONTEIRO, 2016, informação verbal).[11]

Formar-se em Pedagogia foi um dos grandes desafios na vida de Terezinha. Como acontecia com a maioria das meninas pobres nascidas no interior, trabalhou como doméstica em uma casa na capital Belém. Afeita aos estudos, conseguiu concluir o curso e voltou para a cidade natal, onde atuou por muitos anos como professora, aposentando-se em 1995. No final da década de 1970, Terezinha já lecionava nas escolas de Colares, testemunhando o pânico causado pelos focos luminosos. Nunca foi atacada diretamente pelas luzes, mas presenciou algumas vezes, ao lado do marido pescador, a evolução delas nos céus:

> Em 77, nós tivemos um pânico muito medonho aqui, que foi dessa luz misteriosa. Desse chupa-chupa, que, por sinal, a gente não dormia e os pescadores não saíam pra pescar de noite, era só de dia. [...] Eu vi duas vezes a luz. Vi! Eu vi uma lá que a gente vinha botando a canoa pra fora, vi de fora pra cá pra beira, e outra vez ele ia pra pescar (não era esse poste de concreto, era de madeira... mais pra lá um pouco) e quando ele saiu, disse: "Teca! Teca!" (o meu apelido com ele) Eu disse: "O que é?" Ele disse: "Olha! Acorda as crianças. Eu não vou mais pescar". Eu disse: "Por quê?" "Olha! A luz..." A luz desceu bem aí em cima dessa prefeitura (MONTEIRO, 2016, informação verbal).

---

[11] A professora Terezinha faleceu em maio de 2021, durante o processo editorial para a publicação deste artigo. Os autores decidiram manter a redação do texto, como uma forma de homenageá-la. Dedicamos este trabalho à sua memória.

Conforme seu relato, a professora lembra que, das vezes que presenciou as luzes, elas se apresentavam geralmente no formato de abajur, pirâmide ou carro. A presença dos militares não significou a resolução do problema, já que, após o término da operação, nunca houve um anúncio oficial do que ocorreu e os focos persistiam, conta. Terezinha Monteiro lembra que chegou a recepcionar o coronel Hollanda, mas nunca ouviu dele o que de fato estava se passando em Colares. Só sabia que a força da luz inutilizava os aparelhos dos militares.

Figura 5 - Terezinha Monteiro presenciou algumas vezes o movimento das luzes e diz que até hoje elas circulam pelo município

Fonte: Acervo do autor.

Quando em 1969 o mundo conhecia o primeiro homem a pisar na lua, o norte-americano Neil Armstrong, Terezinha trabalhava em Belém na casa de uma família como doméstica. Recorda o alvoroço gerado pela notícia e canta os versos de uma música composta por Ary Lobo e Luiz Boquinha: “Eu vou pra lua, mamãe / Eu vou morar lá / Sair do meu Sputnik / Do Campo do Jiquiá”. Até hoje duvida se os americanos chegaram à lua de fato. Supõe que poderiam ter chegado até determinada parte, fotografado e espalhado a notícia de que estiveram lá. Segundo ela, “a lua faz parte do projeto de Deus e o projeto de Deus ninguém assinou. Só

Ele que fez”. Quando perguntada sobre a possibilidade do fenômeno chupa-chupa ter vindo de outro planeta, a professora não titubeia: “E eu tenho, assim, pra mim, que não é daqui. Não é do nosso planeta, desses homens que vivem preparando intrigas. Eu, pra mim, na minha concepção, não é daqui. Eu tenho impressão que é de lá. De lá do infinito. Pra mim lá tem outras pessoas” (MONTEIRO, 2016, informação verbal).

Para a professora Terezinha, as respostas sobre o chupa-chupa ficam por conta dos mistérios da natureza. Ela acredita ainda que as luzes continuam circulando pela cidade e basta disposição e coragem para encontrá-las, principalmente na Praia do Machadinho e no entorno da pequena escultura de Jesus Cristo, em frente à Praia do Humaitá, na orla de Colares. Em relação às dúvidas que recaem sobre o fenômeno, responde: “Não digo nem como lenda, já é uma cultura nossa daqui” (MONTEIRO, 2016, informação verbal).

Considerações finais

Apesar de inconclusiva, a operação militar realizada no Pará no final da década de 1970, tendo Colares como um dos principais locais de investigação das luzes que cruzavam os céus da região, produziu material significativo em forma de relatórios que hoje conhecemos (pelo menos a parte divulgada oficial e extraoficialmente), mas que na época eram mantidos em segredo. É interessante observar as diferentes percepções sobre o fenômeno chupa-chupa em meio aos documentos que ajudam a contar essa história.

“Objetos inteligentemente dirigidos” foi uma das justificativas apresentadas pelos militares, mas sem comprovação, porque os equipamentos eram limitados. Reportagens publicadas pelos jornais também integram os documentos, mostrando a preocupação da Aeronáutica com a maneira como a imprensa lidava com o caso, responsabilizando-a pelo caos instalado. Em relação aos depoimentos, não havia um perfil de vítima, mas os avistamentos relatados eram muito semelhantes, assim como as reações que os atingidos sofriam no corpo. Os sentidos em torno do chupa-chupa se espalharam, numa disputa narrativa, passando pelo inacreditável, pelo ridículo, pelo medonho.

Ainda que seja um fenômeno ocorrido na Amazônia, os seus imaginários carregam consigo elementos simbólicos universais, com destaque para os produtos da mídia. As memórias também revelam um trauma que, por muito tempo, fez com que a população se

recusasse a falar sobre o assunto. Hoje há um reconhecimento da importância que o episódio tem para a Ilha de Colares e é unanimidade entre os entrevistados que, passados 40 anos, o município ainda é visitado por essas luzes, agora mais tranquilas. As versões sustentadas são semelhantes em sua essência, mas cada uma com suas particularidades, numa mostra da força que esse episódio conquistou no lugar.

Referências

1º COMAR afirma que OVNI na Vigia foi pura ilusão de ótica. **A Província do Pará**, Belém, 5 nov. 1977. 1º Caderno, p. 11.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ATHAYDE, Reginaldo de. **ETs, santos e demônios na Terra do Sol**: repertório de terror e medo no Nordeste brasileiro. São Paulo: Mythos Editora, 2000.

CARDOSO, Newton. **Entrevista**. [12 nov. 2016]. Entrevistador: Phillippe Sendas de Paula Fernandes. Colares (PA), 2016. 1 arquivo .mp3 (47 min.).

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características da população e dos domicílios**: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

COLARES foi atacada. Vítimas em Belém. **O Estado do Pará**, Belém, 2 nov. 1977. Cidade, p. 12.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arqueologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula; BARBOSA, Marialva. História oral e memória na Amazônia: o fenômeno Chupa-Chupa. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 8, n. 8, p. 45-58, mar. 2016. Disponível em: https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9766. Acesso em: 20 jun. 2021.

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula. **Luzes misteriosas cruzam os céus da Amazônia**: memória e imaginário no fenômeno Chupa-Chupa. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

GIESE, Daniel Rebisso. **Vampiros extraterrestres na Amazônia**. Belém: Falangola Editora, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000. v. 4.

MONTEIRO, Terezinha. **Entrevista**. [13 nov. 2016]. Entrevistador: Phillippe Sendas de Paula Fernandes. Colares (PA), 2016. 1 arquivo .mp3 (1h 10 min.).

PORTELLI, Alessandro. **Ensaios de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

REGISTROS DE OBSERVAÇÕES DE OVNI. Ministério da Aeronáutica – 1º Comando Aéreo Regional. **Relatório**. Belém, 1978.

RELATÓRIO DE MISSÃO – OPERAÇÃO PRATO. Ministério da Aeronáutica – 1º Comando Aéreo Regional. **Relatório**. Belém, nov. 1977.

RELATÓRIO DE MISSÃO – OPERAÇÃO PRATO (Colares/PA). Ministério da Aeronáutica – 1º Comando Aéreo regional. **Relatório**. Belém, 1983.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A história oral nos estudos de jornalismo: algumas considerações teórico-metodológicas. **Contracampo**, v. 32, n. 2, p. 73-90, abr./jul. 2015. Disponível em: https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17543. Acesso em: 20 jun. 2021.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

SCHRAMM, João Francisco. **Alteridade alienígena no discurso militar**. 2011. Monografia (Graduação em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Submetido em: 25.04.2020

Aprovado em: 07.02.2022